

ATITUDES DOS FALANTES BILÍNGUES: O CASO DE INTERCAMBISTAS DE GUINÉ-BISSAU EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS DE GOIÁS

Thaís Elizabeth Pereira BATISTA - Érica Gracielle M. COUTO

Universidade Federal de Goiás

thaislitteris@gmail.com - ericacouto_languages@hotmail.com

Resumo: Esta pesquisa de natureza qualitativa pretende investigar as atitudes e percepções bilíngues de dois estudantes de Guiné-Bissau em situação de intercâmbio em universidades no estado de Goiás. Para o desenvolvimento do estudo foram usados métodos da pesquisa de cunho etnográfico como observação, anotações em diário de campo, entrevistas semiestruturadas, conversas informais e gravações em áudio com os participantes. A análise dos dados foi realizada com base nos pressupostos da Sociolinguística e dos estudos de Bilinguismo, embasando-se em trabalhos de autores como: François Grosjean, Ofélia Garcia, Fishman, etc. A hipótese inicial do estudo é de que os falantes bilíngues translinguam escolhendo que língua/as usar para atender determinadas necessidades ou condições sociais. Outra hipótese apontada no início da pesquisa é de que algumas situações favorecem a alternância de código (code-switching) na fala bilíngue, tanto no que se refere ao grau de proficiência quanto no que diz respeito ao contexto de fala em diferentes domínios ou diferentes graus de formalidade ou tensão no momento da fala. Os resultados da pesquisa permitem afirmar a interferência do contexto, ou domínio nas atitudes dos bilíngues que fazem uso de suas línguas e variedades para performar identidades. Também foi possível observar aspectos relacionados a estereótipos culturais.

Palavras-chave: Sociolinguística; Bilinguismo; Atitudes; Intercambistas

1 Contexto do estudo e sujeitos da pesquisa

A pesquisa apresentada a seguir baseia-se no tratamento de aspectos linguísticos e culturais de falantes bilíngues residentes fora de seu país de origem, mais especificamente em situação de intercâmbio acadêmico em Universidades públicas do estado de Goiás. Os/as colaboradores/as desse estudo são de Guiné-Bissau e se encontram no Brasil há pouco tempo com o objetivo de cursar graduação por meio de programa de intercâmbio entre os dois países. Ambos já viviam em seu país de origem em situação de bilinguismo alto, já falantes de crioulo e de língua portuguesa de Guiné-Bissau, encontraram no Brasil uma diversidade ainda maior de dialetos da língua portuguesa oriundos da variação linguística diatópica e diastrática que é um fenômeno comum no Brasil. Além disso, convivem com diferenças culturais existentes entre os países e interagem continuamente entre si e com os demais estudantes das universidades.

A República da Guiné-Bissau é um país da costa ocidental da África que tem o português como língua oficial e o crioulo de Guiné-Bissau, não reconhecido oficialmente, mas usado por falantes do país. Logo, como grande parte dos/as guineenses, os/as colaboradores/as da pesquisa adquiriam primeiro o crioulo e em seguida o português, como língua de instrução na escola e utilizada para acesso aos direitos institucionalizados que

operam em língua portuguesa, idioma oficial do país. No Brasil, realizando intercâmbio os/as participantes têm contato com colegas intercambistas de seu país, de outros países e também com brasileiros/as.

A opção pela pesquisa de cunho etnográfico se deu pelo fato de essa metodologia possibilitar, conforme postulam Blackledge e Creese, uma compreensão mais profunda do fenômeno social considerando além do ponto de vista das pesquisadoras o ponto de vista dos próprios participantes, possibilitando uma maior compreensão dos fenômenos linguísticos atravessados pelos aspectos sociais. (Blackledge; Creese, 2010)

Por se tratar de um estudo qualitativo foram convidadas duas pessoas para uma observação mais detalhada no que se refere a questões como atitudes e percepções do/a falante bilíngue, contextos de uso das línguas, alternância de código e aspectos culturais que podem levar à formação de estereótipos culturais.

Foram convidados/as um estudante de graduação do curso de Letras em uma universidade pública situada na cidade de Anápolis e uma estudante de graduação do curso de Ecologia e Análise Ambiental em uma universidade pública situada na cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás. Ambos se conhecem por terem vindo do mesmo país para fazer intercâmbio no Brasil e mantêm relação de amizade, apesar de não estudarem na mesma Instituição de Ensino Superior.

Após o convite, os dois assinaram autorização por escrito, para que os resultados da pesquisa figurassem em artigo científico.

Tanto o participante quanto a participante viviam em situação de bilinguismo alto em Guiné-Bissau e consideram o crioulo como língua materna e o português como segunda língua, doravante L2. A participante que estuda em Goiânia também fala francês, língua que estudava em seu país antes de partir para o intercâmbio.

As principais questões que pretende-se abordar com esse estudo de caso são: a) se os participantes se consideram bilíngues; b) como consideram seu desempenho nas línguas que utiliza; c) quais os critérios utilizados para selecionar que língua ou quais línguas usar em domínios sociais diversos; d) se possuem imagens estereotipadas em relação às línguas faladas e a cultura na qual estão imersos.

A pretensão dessa pesquisa, no entanto, é debater os pontos supramencionados, pois é sabido que não há possibilidade de esgotar tais questões, uma vez que os processos linguísticos e sociais são particulares de seres humanos e tal estudo não possibilita fechar as questões nem tampouco promover generalizações.

2 Referencial teórico

Para a análise de dados obtidos com a pesquisa serão utilizados conceitos de estudos conhecidos na área da sociolinguística, de bilinguismo e multilinguismo que se referem aos conceitos de bilinguismo, falante bilíngue, code-switching, translanguagem, domínios sociais de fala, performatividade de identidades, línguas minoritárias, sociedades pós-coloniais e as relações sociais que permeiam esses contextos.

2.1 O/a falante bilíngue

Várias definições sobre o que é o bilinguismo e o que é ser bilíngue figuram na literatura da área. Bloomfield considera o bilinguismo como controle de duas línguas de forma semelhante à do nativo (Bloomfield, 1979). Outros autores elaboraram definições que não associassem o/a falante bilíngue ao falante nativo. Para Mackey, trata-se do uso alternado de duas línguas pelo mesmo indivíduo (Mackey, 1972). Já Weinreich define como o uso de duas línguas alternadamente. (Weinreich, 1968).

Um outro autor que tem destaque em estudos de bilinguismo é François Grosjean, que considera bilíngue pessoas que usam duas ou mais línguas em sua vida cotidiana. (p. 4). Para ele, entre os vários motivos que levam ao bilinguismo, como o contato de povos, está o caso

de países que consideram apenas uma língua como nacional ou franca, como por exemplo países do continente africano, em que existem falantes de outras línguas ou dialetos, que tendem a se tornar bilíngues para ter acesso à língua nacional além da língua materna. (Grosjean, 2010. p. 5 e 6)

O autor defende também que usos de diferentes línguas dos falantes bilíngues mudam em relação aos diferentes domínios da vida como a casa, a faculdade, o shopping, a interação com parentes distantes. Em situações de contato de línguas a língua usada pode mudar na medida em que muda o domínio. A isso o autor chamará diglossia que pode levar à situações de conflito. Esse fato interfere também no grau de proficiência em cada língua, pois a língua usada em menos domínios tende a se desenvolver menos também. (Grosjean, 2010)

A percepção dos domínios da vida também influenciam no que se entende por um falante bilíngue balanceado ou com dominância em uma das línguas. Em geral, acreditava-se que o bilíngue balanceado é o que possui o mesmo grau de proficiência nas línguas que fala nas quatro habilidades (fala, escrita, leitura e audição) e em todos os contextos de uso, mas além de ser difícil fazer essa mensuração, torna-se ainda mais difícil no caso em que as línguas são usadas em diferentes domínios da vida, pois a pessoa pode ter a língua materna como dominante nos domínios da casa e da religião e a L2 como dominante no domínio da instrução, como na faculdade. (Grosjean, 2010)

A noção de domínios sociais, introduzida por Fishman, pode ser compreendida como as esferas nas quais as línguas são usadas como religião, família, escola, igreja, trabalho e vizinhança, por exemplo. Assim, a escolha de qual língua usar será feita de acordo com fatores sociais como com quem se fala, onde e quando se fala e o que se fala. (Fishman, 1968)

Ainda em relação a noção dos domínios sociais trazidas por Fishman, é interessante considerar a percepção de Romaine que afirma que os domínios não se limitam apenas ao local, e que devemos considerar também a relação afetiva que se estabelece na conversação e o assunto do qual a conversa trata. (Romaine, 1995)

Tais noções de domínios mostram a complexidade que envolve o bilinguismo e as questões de diglossia, pois o uso de cada uma das línguas do bilíngue envolve uma série de fatores que vão dos locais onde se estabelece à interação até às questões como o assunto e a afetividade que envolve os/as falantes, sendo o uso da língua uma maneira de o falantes performarem identidades usando suas línguas em um contínuum linguístico em que as línguas podem se misturar em diversos momentos. Isso mostra a impossibilidade de se considerar o/a bilíngue pelo parâmetro do/a falante nativo/a, como se o/a bilíngue fosse dois falantes nativos em um só.

Para García, a visão de bilíngue balanceado é uma visão monolíngue, pois para ela o bilinguismo não é somente uma adição de línguas, mas sim um recurso, e dessa forma, devemos considerar o fluxo entre as línguas. Para a autora, o bilíngue é alguém que “língua” diferentemente e tem experiências diferentes em cada uma das duas línguas. A autora utilizará o termo translanguaging como o ato de translunguar do falante bilíngue, um conceito que vai além do de alternância de código, code-switching. O translunguar do bilíngue dá ideia de fluxo entre as línguas, um continuum e não a junção de dois falantes monolíngues em um falante bilíngue. Assim, a autora reforça a argumentação de Grosjean de que um bilíngue não é como se fosse dois monolíngues, e translunguar pode ser uma escolha do falante bilíngue. (García, 2009.)

A autora definirá o ato de translunguar como a mistura gramatical de elementos de diferentes línguas. Tratam-se de práticas discursivas múltiplas que deixam claro que não há fronteiras entre as línguas dos bilíngues. É o uso contínuo e dinâmico de duas ou mais línguas nas situações de comunicação. (García, 2009.)

Segundo Braggio, “quando tratamos com línguas minorizadas em relação às línguas de maior prestígio, observa-se que nos empréstimos a influência é sempre de mão única, da L2

na L1.” (p. 161) Apesar de geralmente a L1 influenciar na L2 a situação da L1 como língua minoritária inverte esse processo e muitas vezes a L2 passa a ser usada em contextos típicos de L1 deslocando-a e levando até mesmo à possibilidade de extinguir-se. (Braggio, 2012)

2.2 Bilinguismo, cultura e identidade

Os conceitos relacionados à cultura e identidade também concernem aos estudos de bilinguismo, pois são fatores que influenciam nas escolhas linguísticas dos falantes. Myers-Scotton defenderá o uso do conceito de *ethos* como um termo guarda-chuva que contempla atitudes e ideologias e relaciona-o ao conceito de etnicidade que apesar de não ter a mesma origem, implica uma consciência coletiva, “group mind” compartilhada com os grupos de uma mesma comunidade. (Myers-Scotton, 2006. p. 108)

Para a autora, as atitudes estão mais ligadas à identidade de grupo, com foco em avaliações subjetivas (opinião de valor) ao passo que o que chamamos de ideologia se liga na forma como os valores são fabricados na arena política a partir de embates e lutas de poder entre ideologias conflitantes, nessa percepção o foco passa para o caráter do conflito entre duas línguas, pode basear-se em fatos como a oficialização de uma língua, por exemplo, isto é, nas práticas que resultam das atitudes. (Myers-Scotton, 2006. p. 110 e 111)

A autora também discute a questão da motivação para o uso de línguas em interações. Assim, ela diz que estuda-se uma L2, quando esse aprendizado proporciona algum valor instrumental ou alguma oportunidade de ascensão socioeconômica. Logo, o uso que se fará da língua serve como motivação para o aprendizado. (Myers-Scotton, 2006. p. 143)

Essa autora entende as variedades como marcas identitárias, e então argumenta que a principal razão para a escolha de uma ou outra língua, ou ainda o uso das duas línguas ao mesmo tempo, relaciona-se aos valores sócio-psicológicos associados à língua. Assim, a escolha pode variar dependendo do tema que é tratado ou da situação. Para Myers-Scotton o valor simbólico é fundamental para essa escolha. (Myers-Scotton, 2006. p. 143)

Esse valor simbólico dependerá de um significado social que seja relacionado ao grupo de falantes de determinada comunidade. Assim, os ouvintes que associem falantes de determinada língua a pessoas mais escolarizadas, ao ouvir tal língua identificarão seus falantes como pessoas capazes de manter bons empregos, por exemplo. (Myers-Scotton, 2006. p. 144)

Logo, cada variedade traz falantes associadas a ela (p.144) e a escolha da variedade depende de um valor simbólico e possui um significado social. Por isso, as escolhas linguísticas, assim como os comportamentos, mostram “quem somos, ou pelo menos quem pensamos ser”. (Myers-Scotton, 2006. p. 145)

Não é possível, portanto, desconsiderar a noção de cultura em relação ao bilinguismo. Para Faggion, o ambiente sociocultural determina o domínio de uma língua sobre a outra, a função de cada língua na ascensão social, o valor literário-cultural de cada uma, a ordem de aquisição, a extensão do uso escrito, o coeficiente afetivo, entre outras coisas. (Faggion, 2010)

A autora se baseia nas ideias de Titone para afirmar que as funções que as línguas assumem (familiar, lazer, escola, etc) variam conforme a comunidade, mas também dentro de uma mesma comunidade multilíngue. Assim, comunidades fortemente bilíngues podem ser permeadas por conflitos resultando até na supressão de uma das línguas, mas podem também promover a integração de dois códigos. (Faggion, 2010. p. 101).

A autora mostra a contraposição do pensamento de Titone ao de Grosjean quando relaciona o “verdadeiro bilinguismo” ao biculturalismo, pois Grosjean não faz essa relação e afirma que pessoas que usam duas línguas podem ser monoculturais enquanto as que falam apenas uma língua podem ser biculturais. Grosjean entende a cultura como o modo de vida de um povo ou sociedade, regras de comportamento, sistema político e econômico, crenças, leis, etc. (Faggion, 2010. p. 101).

Diante desse debate, devemos lembrar-nos da existência de diversos conceitos de cultura. Alguns autores recorrem aos seis conceitos de cultura analisados por Duranti. Tais conceitos foram mudando, mas sempre levando em consideração o importante papel da linguagem. (Faggion, 2006. Cox; Assis-Peterson, 2007)

O último conceito de cultura analisado por Duranti a vê como um sistema de participação, assumindo que qualquer ação no mundo, incluindo a comunicação verbal, tem característica social, coletiva e de participação. (Faggion, 2006. Cox; Assis-Peterson, 2007) Nessa perspectiva, podemos abordar as questões de variação estudando como as línguas são usadas. “É através do uso da língua que nos tornamos membros de uma comunidade de ideias e práticas.” (Cox; Assis-Peterson, 2007. p. 32)

Nesse sentido, para traduzir tais realidades culturais podemos inserir também o termo transculturalidade. “O prefixo *trans*, dentre seus muitos sentidos, veicula aqueles de ‘movimento através de’, ‘movimento de ir e vir’, ‘movimento perpétuo’, ‘trânsito’, ‘circulação’, ‘troca’.” Ao contrário do termo transculturação cunhado por Ortiz que implicava a perda da cultura anterior para assimilação de uma nova, o termo transculturalidade implica negociação e mudança cultural. (Cox; Assis-Peterson, 2007. p. 36)

Arelado a esse termo as autoras inserem o conceito de transglossia remetendo-se às “línguas em contato como línguas que vazam uma na outra como rios que correm e se misturam indistintamente com outros rios.” (Cox; Assis-Peterson, 2007. p. 42)

Por meio desses conceitos consideramos que a linguagem expressa as realidades culturais. A cultura libera as pessoas do esquecimento ou anonimato, mas também impõe estrutura e princípios de seleção. No plano social, isso pode ser notado pelo fato de as pessoas adquirirem maneiras comuns de ver o mundo por meio da interação com outras pessoas. Dessa forma, além da noção de comunidade de fala já utilizada pela Sociolinguística (pessoas que usam o mesmo código linguístico) começamos a nos deparar também com expressões como comunidades de discurso ou de prática que remetem a membros de um grupo social que usam a linguagem para responder a suas necessidades sociais. No plano da história, a cultura decorre das tradições compartilhadas e da identidade de um grupo. No plano metafórico, o imaginário é compartilhado pelas comunidades de discurso, mediado pela língua que constitui uma metáfora para a realidade cultural. A língua está ligada a cultura e à imaginação. (Faggion, 2010. p. 105)

Assim, a ideia de comunidade é problematizada, e o conceito de comunidade de discurso surge como aquela comunidade que possui objetivos claros para os usos da linguagem escrita e falada, seus participantes podem diferir em vários aspectos como etnia, idade e opiniões, mas constituem uma cultura enquanto tiverem valores, crenças e modos de agir semelhantes. Diferente do disseminado conceito de comunidade de fala, que ao considerar como comunidade aquela que compartilha um código linguístico e as normas de uso desses códigos, não leva em conta a possibilidade de integrantes da mesma comunidade poderem possuir valores de diferentes comunidades de discurso. (Faggion, 2010. p. 106)

Assim, traços específicos da língua, como traços fonéticos, por exemplo, identificam culturas e etnias, e com isso podem contribuir com a formação do estigma social e dos estereótipos. O sotaque estrangeiro é sempre notado e comentado e ao perceber um sotaque a atenção do ouvinte se desvia do assunto e passa ao estereótipo (imagem que se faz da pessoa) fazendo uma nova avaliação de quem fala. Basta um traço de sotaque para inserir-se seu portador em um estereótipo e revesti-lo de preconceito e estigma. (Faggion, 2010. p. 108 e 109)

3 Metodologia

Retomando a atenção aos participantes do estudo, a pesquisa baseada no paradigma qualitativo interpretativista contou com a colaboração de duas pessoas que concordaram em

compartilhar suas experiências bilíngues e percepções sobre o processo do uso das línguas e da interação das culturas. Um participante é do sexo masculino e cursa Letras em uma Instituição Pública de Ensino Superior na cidade de Anápolis, sem auxílio de bolsas ou assistência estudantil. A outra participante é do sexo feminino e cursa Ecologia e Análise Ambiental em uma Instituição Pública de Ensino Superior na cidade de Goiânia, contando apenas com as políticas de assistência estudantil da universidade, como alojamento e alimentação. Ambos são de Guiné-Bissau e viviam em situação de bilinguismo alto em seu país. Para Braggio (2012), o bilinguismo alto ocorre quando a maioria do povo é bilíngue, dominando as duas línguas.

Podemos perceber essa situação de bilinguismo alto em Guiné-Bissau pelo fato de o país considerar apenas o português, língua do colonizador, como oficial e não reconhecer o crioulo de Guiné-Bissau, sendo ele falado por grande parte da população como língua materna. Assim, a maioria dos/as guineenses aprendem o crioulo como L1 e em seguida aprendem o português para usar na escola e posteriormente no trabalho. O crioulo é a língua usada nos domínios afetivos, ao passo que o português é a língua da ascensão social e de acesso ao Estado.

Como ferramentas de pesquisa utilizou-se de recursos como anotações em caderno de campo, entrevista semiestruturada e narrativa gravadas em áudio, conversas informais e observação durante o processo de pesquisa, que durou cerca de três meses no ambiente da universidade e, por vezes, fora também.

Trechos da entrevista aparecerão na sessão de análise de dados juntamente com aspectos teóricos presentes na literatura do tema e que constam na sessão de referencial teórico. Como o objetivo é observar aspectos relacionados a atitudes e percepções de falantes bilíngues a transcrição será em *verbatim* e fonográfica, pois não haverá necessidade de reprodução de dados fonéticos para os objetivos deste estudo. Os excertos estarão destacados do texto, com espaçamento simples, fonte 11 e recuados 4 centímetros da margem, ou no texto entre aspas.

Os/as participantes autorizaram a publicação de suas entrevistas por meio do termo de consentimento livre e esclarecido, no entanto para preservar a identidade dos/as participantes os nomes não serão mencionados. Dessa forma, o estudante guineense de Anápolis será mencionado como A.C. e a estudante guineense de Goiânia será mencionada como S.C.

4 Análise de dados

Além das observações e conversas informais no decorrer do trabalho os/as participantes da pesquisa gravaram uma entrevista semiestruturada seguida de uma narrativa que aborda suas percepções como bilíngues e estudantes de intercâmbio no Brasil. O questionário serviu de roteiro para as pesquisadoras, considerando alguns aspectos que se pretendia abordar, mas foram moldados de acordo com o andamento da entrevista, com a finalidade de dar mais liberdade para os/as entrevistados/as se expressarem abordando temas que lhe parecessem pertinentes e também para sanar novas dúvidas que foram surgindo no decorrer do processo. Cada entrevista durou entre 1 hora e 1 hora e meia, nas quais foram tratados temas referentes a percepções linguísticas, culturais e atitudinais de cada participante, levando em consideração sua condição bilíngue.

A.C. fala crioulo e português, e quando questionado sobre seu grau de proficiência em cada língua, ele afirma:

A.C: Ah, língua portuguesa, assim, é língua meio difícil, assim, entendeu? Falar assim, gramaticalmente, assim. Eu falo, tipo, mais ou menos. Eu não posso falar que eu falo bem o português, eu não posso falar também que, que falo muito bem crioulo, que é língua nativa. Se eu falo pra você isso, que eu tô mentindo, mas eu falo assim, de boa.

Apesar do relato de A.C. de que não fala bem as duas línguas, ele fala as duas línguas em sua vida cotidiana, dessa forma pode ser considerado um falante bilíngue. (Grosjean, 2010) A resposta de A.C. também se relaciona com uma definição de falantes bilíngues apontada por Grosjean, de que muitos não se consideram nem bilíngues e nem monolíngues, pois não avaliam suas competências como adequadas em nenhuma das duas línguas. Assim como coloca o autor, A.C. considera também que o sotaque e a mistura das línguas não permitem que ele diga que fale bem em nenhuma das línguas. (Grosjean, 2010)

Na infância, A.C. falava apenas o crioulo e começou a aprender português só mais tarde na escola, onde o português era o idioma utilizado para ministrar as aulas. Ele diz que considera que fala melhor o crioulo, pois é sua língua nativa e, por isso, usada desde criança.

Como A.C. aprendeu o crioulo em casa e só começou a aprender o português na escola, ele afirma que sempre teve muita dificuldade com a língua portuguesa. Ele diz que a língua de instrução na escola era a portuguesa, mas que só usava durante as aulas e que sempre que podia mudava para o crioulo. Nas conversas informais com os amigos dentro da escola, ele sempre falava em crioulo. Com base na classificação de autores como Fishman (1968) de domínios sociais, notamos a língua portuguesa associada aos domínios formais ao passo em que o crioulo pode ser associado ao domínio afetivo.

A intercambista S.C. também considera o crioulo como sua língua nativa, mas diz que também fala português e um pouco de francês. No caso dela o português foi adquirido antes dos tempos da escola, ela diz que o crioulo é a língua materna, mas que aprendeu o português junto com o crioulo, pois em sua casa falavam as duas línguas com ela. Quando questionada sobre o grau de proficiência em cada língua ela afirma:

S.C.: Bem, eu acho que em crioulo eu... eu falo bem, né... e... eu posso ter um pouco de dificuldade para escrever e... e... ler, né, porque eu fico ligada mais com o português, entendeu? Aí as vezes eu leio, mas ler assim rápido como eu leio português, não. Porque a escrita é diferente, né. Então assim pra ler eu tenho que ficar mais calma, assim para ler coisas, para entender, né... E o francês, assim já que eu não estou falando já há muito tempo que eu estou aqui já não estou tendo muita prática, então perdi, perdi já muitas coisas, mas eu sei, eu sei, mas falar, assim eu não consigo ... e o português é o que eu lido com... na verdade ninguém sabe falar português, né, entre aspas, mas conforme falar, quanto mais falar português, aí você aprende mais...

Ela diz que em Guiné-Bissau fora da escola e do trabalho usa-se muito o crioulo e confirma a fala de A.C. dizendo que mesmo na escola, mas fora das aulas as pessoas usam mais crioulo, chegando ao ponto de a diretora de sua escola ter proibido o uso do crioulo dentro da escola mesmo fora da sala de aula. Ela considera essa postura adequada, pois força as pessoas a falarem e perder a vergonha de falar em português.

Ela diz que prefere falar ao máximo em português e mesmo falando “errado” a prática leva ao aprimoramento da língua. Hoje ela considera que fala bem o português e que é uma pessoa bilíngue. Ela diz que fala crioulo só com quem ela sabe que não fala nada de português, pois se a pessoa falar um pouco de português ela prefere praticar a língua.

S.C. diz ainda que em seu país quem fala português e francês tem mais oportunidades do que as pessoas que não falam e que existem coisas que o/a falante monolíngue de crioulo não pode fazer como ter bons empregos e estudar.

Quando perguntada se considera-se fluente nas duas línguas, ela diz que sim, pois lida com as duas línguas e que enquanto estiver no Brasil tem que ser fluente em português. A

percepção de S.C. se relaciona diretamente com a definição de falante bilíngue proposta por Grosjean em seus estudos.

4.1 Contato com o português falado no Brasil

Além das dificuldades que já tinha com o português A.C. acrescenta que ao chegar no Brasil teve ainda mais dificuldade com o português brasileiro, pois não conseguia entender os sotaques dos/as colegas e professores/as. Em relação ao português brasileiro ele alega:

A.C.: É diferente. Cheguei aqui, primeiro ano, ficava assim tonto na sala de aula, assim. Não percebia nada. O S.L. (professor) falava assim pra mim: você está entendendo? Tô, né. Fingir que eu tô entendendo. Ele me recomendou, assim, ler jornal e tal. Mas não era a escrita, era a fala. Eu não entendia a fala de falante brasileiro. Ele pensava que eu não entendia a escrita, assim, sabe. Ele me recomendou ler jornal (risos), eu falei uai, meu problema não é com escrita não (...) eu tô com dificuldade com sotaque brasileiro.

A fala de A.C. mostra a dificuldade que tinha para entender o sotaque do brasileiro e a dificuldade do professor em ajuda-lo. Mas agora, depois de quatro anos no Brasil, A.C. diz que entende bem, mas assim como S.C. reclama que ainda hoje os/as colegas não entendem o que ele fala.

A.C.: mas tem muitas pessoas ainda que não me entendem. Você fala diferente, fala ruim, você não sabe falar português.

Quando perguntei para A.C. quem eram as pessoas que falavam isso para ele, ele responde que são os próprios colegas da faculdade. Ele diz que responde dizendo que não pode falar que a pessoa fala errado, pois a língua tem variação. Novamente encontramos o estigma marcado pelos traços étnicos do falante, identificados fortemente pelo sotaque. A.C. conseguiu superar as dificuldades encontradas na compreensão do português do Brasil, mas seus/suas colegas resistem ao sotaque dele. É interessante pontuar que A.C. cursa Letras e que alguns de seus colegas de curso enfrentam a variação na fala dele como um português incorreto e “ruim”, demonstrando ainda a presença do preconceito linguístico decorrente do estigma social e étnico mesmo em ambientes onde, teoricamente, essas práticas deveriam ser combatidas. (Faggion, 2010)

No entanto, podemos perceber um certo preconceito também na percepção de A.C. em relação ao juízo de valor que faz dos sotaques brasileiros. Ele afirma que o sotaque do Rio de Janeiro é o mais bonito e que os mais feios são o de Tocantins e o sotaque caipira. Assim percebemos que o sotaque considerado mais bonito é o associado aos grandes centros urbanos e o mais desprestigiado é o que é associado, em geral, aos falantes do interior do país ou mais próximos das áreas rurais. (Faggion, 2010).

S.C. também diz que as pessoas tinham dificuldade para entender a fala dela, então ela procura falar mais devagar para facilitar essa compreensão. Ela diz que observa diferenças, mas que não teve tanta dificuldade em compreender a fala do Brasil, pois assistia novelas brasileiras em seu país. No entanto, ela nota principalmente diferenças lexicais. Ela diz que tinha dificuldade com os termos específicos da aula de bioestatística. A matéria de biodiversidade no cerrado também foi difícil para ela, pois ela não compartilhava com os/as colegas brasileiros/as de um conhecimento prévio como por exemplo, o que era o cerrado.

Em relação aos diferentes sotaques no Brasil, S.C. já teve contato com pessoas de várias regiões e alega ter incorporado um pouco de cada. Ela conta uma experiência que teve com uma falante de Portugal em Brasília.

S.C.: Mas, assim quando você está num sítio, ou num lugar você não pode fugir das coisas, tipo “uai”. Eu vejo isso porque eu fui pra Brasília fiquei três dias, teve uma menina de sete anos que tava lá, ela vivia em Portugal, tava lá na casa da minha tia, aí quando eu tava a falar, tudo que eu falo, eu falo “uai”... véi a menina passou um dia só, tudo que ela fala, fala “uai”. Aí, a mãe dela entendeu que tava alguma coisa estranha, falou: onde é que você saiu com esse “uai”? Aí, quando eu tava a falar com a mãe e ela escutou esse sotaque em mim, falou: ah, então tá. Tá explicado...

Ela diz que fala muito “uai” e “trem”. Ela diz que quando está no Nordeste o namorado dela que faz intercâmbio lá e os/as amigos/as estranham bastante o sotaque dela. Ela diz que acha estranho a forma como o/a nordestino/a fala, como ela diz “cantando”. Mas conclui que da mesma forma que os/as goianos acham o sotaque nordestino estranho o/a nordestino acha o/a goiano/a estranho também.

Quando questionada o que ela acha, ela diz que acha o sotaque nordestino estranho, mas que é uma pessoa muito tranquila e que não tem preconceito com ninguém, ela diz que fica triste quando as pessoas demonstram preconceito contra ela.

4.2 Culturas em contato

No que se refere ao aspectos culturais A.C. diz que achava as comidas brasileiras diferentes como churrasco, por exemplo. Mas ele diz que está gostando e se adaptando bem. Ele diz que via o Brasil como o país do futebol e achava que todos os brasileiros eram exímios jogadores, imagem que se desfez após a chegada no Brasil.

A.C. diz que interagiu um pouco com a cultura na embaixada do Brasil em seu país, mas que lá as coisas são diferentes. Ele acha o povo brasileiro muito “fechado”, dizendo que não conhece os vizinhos mesmo depois de anos morando no mesmo lugar. Para ele, em Guiné-Bissau as pessoas interagem mais facilmente.

S.C. diz que via muita coisa da cultura brasileira pela televisão, pois possuem acesso às emissoras brasileiras. No entanto, ambos dizem que a televisão mostra muita violência no Brasil e que alguns pais tem receio de mandar seus/uas filhos/as para estudar no país.

S.C. reclama de preconceito e diz que tem medo até de sair na rua, pois tem notícia de muitos estrangeiros que sofrem violência, principalmente de motivação racial no Brasil .

A percepção de ambos é de que no âmbito educacional, os/as brasileiros não respeitam os/as professores/as e que muitas vezes os alunos têm autoridade sobre o/a professor/a, fato que ambos dizem nunca ocorrer em Guiné-Bissau, onde os/as professores são extremamente respeitados/as.

Foi possível perceber nas conversas que ambos percebiam o Brasil a partir dos grandes centros, conheciam apenas o Rio de Janeiro, São Paulo e alguns pontos turísticos do Nordeste. Associavam o brasileiro ao samba e ao futebol. S.C. diz que hoje se surpreende quando está ouvindo samba e seus colegas criticam dizendo que é uma música ruim. Ela diz:

S.C.: ... mas o pior do goiano, eu não entendo porque eu chego aqui não só goiana, eu acho que o brasileiro, pois tem pessoas que não são de Goiânia, mas estão aqui. Eu vou cantar... tipo... pagode e o povo fala: que música horrível, eu falei uai, ainda estou fazendo o favor de escutar a vossa música e você vem me falar que a música é horrível...

Podemos notar que o estereótipo é uma via de mão dupla, pois os brasileiros constroem estereótipos de pessoas de países africanos da mesma forma que eles construíam estereótipos de brasileiros antes de conhecer o país. (Faggion, 2010)

Podemos notar também no cotidiano desses dois/uas intercambistas um processo de transculturação, pois estão em constante negociação das culturas e adquirem muitos aspectos

da cultura brasileira sem abrir mão da cultura nativa. Eles/as valorizam muito a cultura nativa, mas também incorporam aspectos da cultura brasileira em seu cotidiano. (Cox; Assis-Peterson, 2007) A.C. diz que gosta de comer pão de queijo todos os dias e a maioria das músicas do celular da S.C. são pagode e sertanejo.

Para S.C. “o povo goiano é muito doido, muito preconceituoso”. Ela diz que o/a goiano/a não olham no rosto das pessoas e que tem muita discriminação. Ela diz que muitos chamam os intercambistas do continente africano de macacos da África e que já soube de casos de violência física motivadas por racismo contra intercambistas africanos.

4.3 Domínios sociais e alternância de código

Tanto os estudantes quanto os familiares percebem o processo de translanguaging característico do falante bilíngue, que sempre fará a melhor escolha da língua, ou das línguas que vai usar simultaneamente, de forma adequada e que satisfaça suas necessidades. Trata-se de uma negociação constante entre as línguas que falam no processo interacional de comunicação. (García, 2009)

A alternância de código, conforme é chamada por vários/as autores/as se dá constantemente na fala de bilíngues e pode ser intersentencial ou intrasentencial, o que quer dizer que trata-se do uso de dois códigos em um mesmo evento de fala, e que no caso do intersentencial o uso das línguas alterna de uma sentença para outra, enquanto que no intrasentencial a alternância se dá dentro de uma mesma sentença. (Poplack, 1980)

A.C. admite misturar as duas línguas em sua fala e diz que faz isso, muitas vezes sem perceber quando conversa com outros/as guineenses. Ele diz que muitas gírias brasileiras já estão incorporadas em seu vocabulário mesmo quando fala crioulo nos domínios afetivos.

É constante no discurso de A.C. a alegação de que ele tem muita dificuldade com português brasileiro atualmente na faculdade e que sempre teve dificuldade desde os tempos da escola em seu país. Ele acredita que por mais que estudar, não poderá dizer que ficará fluente em português. Ele acredita que falar bem o português é falar o mais próximo da língua padrão ou à língua do nativo, sem marcas de sotaque. Assim, notamos que ele não entende a língua padrão como uma abstração, mas sim como uma variedade existente e falada por alguns/as privilegiados/as. Além disso, sua concepção de bilinguismo se aproxima das primeiras definições do termo em que se considerava a fala bilíngue a partir de uma visão monolíngue e se acreditava na ideia de bilíngue balanceado/a, como se o/a bilíngue pudesse ser comparado/a a dois/uas falantes nativos/as em um/a. Essas definições associavam o verdadeiro bilíngue a alguém que conseguisse usar as duas línguas de maneira semelhante à do falante nativo. (Bloomfield, 1979)

S.C. diz que às vezes está falando português e fala coisas em crioulo porque ela esquece que está falando com alguém que não compreende o crioulo. Ela diz que misturava mais os dois códigos em Guiné-Bissau, onde a maioria de seus amigos é bilíngue e que agora no Brasil, procura misturar menos.

Já na questão dos domínios sociais, A.C. comenta que muda a forma de falar quando está em diferentes locais, pois não usa a mesma variação com os amigos em um bar ou para apresentar um trabalho na faculdade. A.C. diz que a língua é como roupa e que usará diferentes formas dependendo dos locais.

Nessa fala de A.C. percebemos novamente a noção de domínios sociais de Fishman, mas agora ele se refere à variação da mesma língua, o português, em nível dialetal. Assim, ele demonstra bastante domínio da língua e um falante capaz de fazer escolhas linguísticas pertinentes ao contexto, ainda que, quando questionado sobre o tema, não demonstre confiança no uso da língua e responda que não se considera fluente. Ele diz que é muito difícil alguém ser fluente, pois a língua padrão é cheia de regras e bem difícil de ser usada sem desvios. Assim, ele acredita que a presença da variação influencia negativamente no seu

desempenho. Podemos notar que ele associa o bom desempenho à norma padrão que é prescrita na gramática normativa da língua.

A.C. diz que se sente mais a vontade falando crioulo, mas que se quiser ter ascensão social é necessário esquecer o crioulo e falar português, pois o português é a língua das oportunidades em seu país. Ele diz: “eu gosto de crioulo, mas português é a língua de prestígio”.

Podemos notar a noção de uma língua padrão como a língua de prestígio e que pode de fato existir fora de uma abstração. Eles relacionam esse dialeto padrão com a fala de ambientes institucionalizados e com a fala que escutam na televisão, tal como postula a teoria da variação. No caso de A.C, talvez ele faça essa associação por ter tido acesso a estudos sociolinguísticos variacionistas.

4.4 Conflitos entre as línguas do/a bilíngue

Na fala de A.C. é possível observar um grande conflito entre a língua materna e o português.

Segundo Braggio (2012), a influência da língua majoritária sobre a língua minoritária pode levar ao deslocamento e até a extinção da língua étnica. No entanto, nos relatos dos/as dois estudantes percebemos uma situação de conflito, mas que caminha para uma resistência à imposição da língua do colonizador. A língua é aceita como oficial e de acesso às instituições e ao Estado, mas não recebe o status de língua materna dos falantes, que ainda mantém sua língua local. Na narrativa de A.C. percebemos a maior força da língua portuguesa, pois ele chega a mencionar que para conseguir a ascensão social precisa esquecer o crioulo, pois a língua de prestígio é o português. Mesmo assim, é possível notar os movimentos de resistência do povo guineense que não deixa de passar sua língua nativa para os filhos e, muitas vezes, sequer se preocupam em ensinar o português, deixando esse papel unicamente para a escola.

Mesmo defendendo os processos de resistência, os/as dois assumem que precisam do português para o uso em domínios institucionalizados.

A.C. diz que não adianta só gostar do crioulo, precisa se dedicar ao português para ter boas oportunidades e por isso prefere não responder de qual língua gosta mais, pois cada uma serve a determinados fins.

S.C. diz que se sente mais a vontade falando português, pois é a língua que tem mais contato e que mesmo quando fala com guineenses costuma falar em português. No entanto, ela afirma que dependendo do tema que vai ser tratado, sente-se mais a vontade com o crioulo. Ela associa o tema como mais relevante na escolha do idioma do que os interlocutores ou o local da enunciação.

5 Considerações finais

Não pretendeu-se com esse estudo esgotar a discussão do tema. Sequer acreditamos ter respondido por completo as questões colocadas a priori. No entanto, acreditamos na contribuição dos relatos dos participantes da pesquisa para compreender um pouco melhor o quão conflituosas e complexas podem ser as situações de bilinguismo, principalmente quando entra em jogo a relação com línguas minorizadas e com características étnicas. Pretendemos agora retomar as questões colocadas inicialmente e que foram discutidas no decorrer deste estudo.

Quanto ao desempenho atribuído pelos falantes a sua própria fala observamos que reforçam-se os conceitos de que o grau de proficiência relaciona-se diretamente com o uso de um dialeto padrão livre de interferências de uma língua na outra, como um fluxo, e de processos de alternância de código. No entanto, há diferença de posicionamento entre os participantes, pois S.C. demonstra mais confiança em seu desempenho e se considera bilíngue, independente do grau de proficiência que acredita ter em cada língua.

Diferentemente, A.C. vive uma situação de conflito mais intensa e não se considera bom em nenhuma de suas línguas, achando o português uma língua muito difícil.

Quanto ao uso das línguas, as respostas dos dois levam a confirmar a noção dos domínios sociais de Fishman. Eles usam as diferentes línguas ou as diferentes variedades da mesma língua de acordo com o contexto da interação, sempre respondendo questões como com quem se fala, onde e quando se fala, e o que se fala. Essa escolha não é inconsciente, pois ambos demonstram perceber essas escolhas em suas análises metalinguísticas. A.C. associa suas escolhas mais aos locais de enunciação enquanto S.C. acredita que o fator principal nessa escolha é o tema da enunciação.

A.C demonstra grandes frustrações com a língua portuguesa demonstrando dificuldade de aprendizado. A.C. encontrou mais dificuldades com o português brasileiro do que S.C. e acreditamos que isso possa ter ocorrido pelas diferentes formas pelas quais os dois enfrentam a questão do bilinguismo, tal como o reconhecimento de si como falante bilíngue. Além disso, A.C. aprendeu português somente na escola e sempre demonstrou resistência ao aprendizado. Contrariamente, S.C. aprendeu as duas línguas simultaneamente e sempre foi receptiva ao aprendizado e prática dos dois idiomas.

As questões culturais também se mostraram fortes nesse processo. Além da transculturalidade presente na vida desses dois intercambistas que convivem, se adaptam e negociam valores com essas duas culturas (Cox; Assis-Peterson), também reforçam-se estereótipos (Faggion) dos povos e depositam suas crenças a essas imagens que se fazem das pessoas, relacionando-as aos aspectos de sua cultura. Da mesma forma, eles têm consciência da presença desses estereótipos tanto na visão deles para o diferente quanto na visão dos outros para eles. No entanto, acreditamos que a experiência do intercâmbio tem contribuído para que eles pensem nessas relações de forma crítica, buscando questionar essas relações de valores simbólicos preconcebidos atribuídos aos povos de diferentes culturas e proporcionando-lhes uma visão crítica sobre a diferença seja em seus aspectos étnicos, linguísticos, culturais ou sociais.

Espera-se que tais reflexões associadas aos dados empíricos possam contribuir para os estudos de Bilinguismo, ampliando os debates e as investigações sobre o tema e discutindo as teorias presentes em sua literatura a partir do contato com os falantes bilíngues e, principalmente, considerando as percepções dos próprios atores sociais envolvidos no processo por meio da interação. Sabemos que as questões não encontram-se totalmente respondidas, mas somente problematizadas e discutidas, deixando espaço para que mais estudos continuem a contribuir para tais investigações.

6 Referências

BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. Ethnography of multilingualism. In: BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. **Multilingualism: a critical perspective**. NY: Continuum International Publishing Group, 2010, p. 58-81.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

BRAGGIO, S. L. B. **As diferentes situações sociolinguísticas e os tipos de empréstimos na adição do português ao xerente akwén: fatores positivos e negativos**. LIAMES 12 – p. 157-177, Primavera 2012.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.) **Transculturalidade, linguagem e educação**. São Paulo: Mercado de Letras, 2007, p. 23-44.

FISHMAN, J. The relationship between micro and macro sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (Org.). **Sociolinguistics: selected readings**. London: Hazell Watson & Viney Ltd, 1968. p. 15-32.

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st Century: a global perspective**. United Kingdom: Willey-Blackwell, 2009.

GROSJEAN, François. **Bilingual: Life and Reality**. Havard University Press, 2010.

MACKEY, W. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). **Readings in the sociology of language**. The Netherlands: Mouton & Co. N. V. Publishers, 1972. P. 555-584.

MYERS-SCOTTON, Carol. Ideologies and attitudes. In: MYERS-SCOTTON, Carol. **Multiple Voices: An Introduction to Bilingualism**. Malden, MA: Blackwell, 2006, p. 107-141.

MYERS-SCOTTON, Carol. The social motivations for language use in interpersonal interactions. In: MYERS-SCOTTON, Carol. **Multiple Voices: An Introduction to Bilingualism**. Malden, MA: Blackwell, 2006, p. 142-174.

POPLACK, S. Sometimes I'll start a sentence in English y terminó en español: a typology of code-switching. **Linguistics**, v. 18, p.581-616, 1980.

WEINREICH, U. **Lannguages in contact**. The Hauge: Mouton, 1953.